



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Ensino/Aprendizagem de Geografia na Educação Básica:
O Estudo do lugar (Brazlândia) como mediação pedagógica.**

JOSEANE MILKSA DOS SANTOS GOMES

BRASÍLIA-DF
2016

**Ensino/Aprendizagem de Geografia na Educação Básica:
O Estudo do lugar (Brazlândia) como mediação pedagógica.**

Monografia de conclusão de curso de apresentada
ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação,
Universidade de Brasília como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia,
sob a orientação do Professor Ms. Antônio
Fávero Sobrinho

Aprovado em: 06 de fevereiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Antônio Fávero Sobrinho (orientador)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Profª Drª Cristina Maria Costa Leite
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Profª Drª Valéria Nely César de Carvalho
Pesquisadora do Projeto Memória da Educação do Distrito Federal

Brasília, 2017

Sumário

Agradecimentos	Error! Bookmark not defined.
Resumo	6
Resumen	6
Memorial	7
Introdução	10
1-Ensino de geografia nos anos iniciais	13
1.1O Estudo do lugar no ensino de geografia	16
2- Conhecendo Brazilândia	19
2.1- O local da pesquisa	23
3-Brazilândia no Ensino de geografia	24
Considerações Finais	Error! Bookmark not defined.
Referências	42

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.”

Charles Chaplin

A minha família pelo apoio durante toda a vida e pela contribuição no meu desenvolvimento pessoal.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui.

Aos meus pais, Odete e José, por lutarem por mim e meus irmãos, por todo o apoio e força dada nos momentos em que precisei.

Ao meu namorado, Gustavo, por acreditar em mim quando até mesmo eu desacreditava e por nunca me deixar desistir.

Aos meus amigos e colegas de curso pelo companheirismo, em especial a Ana Paula, Joseane, Natiele e Stéphane.

Aos meus professores que serviram de inspiração para a escolha pela docência, em especial a Tia Domane, e ao meu professor de geografia do ensino fundamental, Márcio.

A professora Cristina Leite, por toda dedicação e orientações durante o curso.

A meu orientador Antônio Fávero, pela orientação e paciência nesse momento tão importante para mim.

E a toda equipe da Escola Classe 05 de Brazlândia por me receber tão bem durante meu estágio.

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa desenvolvida com o 4º ano do ensino fundamental na Escola Classe 05 de Brazlândia com o objetivo de conhecer a que os alunos têm com o lugar Brazlândia, colocando o lugar referido como ponto central na elaboração de aulas. Toma-se aqui como referência o lugar como categoria de análise do espaço. Por tratar-se de conteúdos subjetivos, necessitando de análises individuais, o trabalho seguiu uma natureza qualitativa, ou seja, uma interpretação dos dados coletados durante a pesquisa, e participante, pois o pesquisador e pesquisados tiveram contato durante todo o processo de construção da pesquisa, com intervenções e proximidade durante o período de convivência. Esta pesquisa procurou mostrar que a geografia pode e deve contribuir para uma formação cidadã, em que os alunos possam se sentir pertencentes ao lugar em vivem, reconhecendo dessa forma a sua identidade.

Resumen

Este trabajo se desarrolló a partir de una encuesta realizada con el cuarto año de la escuela primaria en la Escuela Clase 05 Brazlândia con el fin de saber que los estudiantes tienen con el lugar Brazlândia, poniendo el lugar conocido como el punto central en la elaboración de lecciones. Se toma aquí como referencia el lugar como categoría de análisis del espacio. Debido a que es el contenido subjetivos, que requieren un análisis individual, el estudio siguió un carácter cualitativo, es decir, una interpretación de los datos recogidos durante la investigación, y el participante, como el investigador e investigado tenido contacto durante todo el proceso de construcción de la investigación con las intervenciones y la proximidad durante el período de coexistencia. Esta investigación buscó mostrar que la geografía puede y debe contribuir a la educación cívica, donde los estudiantes pueden sentir que pertenece al lugar donde viven, reconociendo con ello su identidad.

Memorial

Meu nome é Joseane Milksa e o porquê desse nome nem meus pais sabem responder ao certo. Tenho 21 anos e estou me formando em pedagogia pela Universidade de Brasília, o que é um grande feito para todos com quem convivo no âmbito mais pessoal e de todos que me conhecem no mais profundo do meu ser sabem da minha longa e árdua trajetória para chegar aonde cheguei.

Nasci numa cidade pequena, bem singela, com um ritmo de vida interiorano, e, acreditem, essa cidade fica no Distrito Federal, a alguns quilômetros da Capital Federal e, apesar disso, tem aspectos totalmente diferentes, conhecida por sua agricultura. Sendo mais específica, nasci em Brazlândia.

As características da minha cidade influenciaram diretamente na minha trajetória escolar. Por ser uma cidade em que a economia é majoritariamente baseada na produção agrícola, grande parte das pessoas trabalham na zona rural e minha mãe era uma dessas pessoas que trabalhava em uma das granjas de aves. Por essa razão, passei a maior parte da minha vida escolar estudando em escolas rurais.

Lembro-me vagamente de quando ia à escola com minha mãe nas reuniões do meu irmão que é dois anos mais velho do que eu. Pouco tempo depois foi a minha vez e cada detalhe do meu primeiro dia de aula ainda estão na minha memória. Andava bastante para chegar à escola, o Centro de Ensino Fundamental Vendinha, pois não havia ônibus escolar e a escola que ficava na divisa do DF com o Goiás, recebia muito mais alunos residentes do Goiás do que do DF.

Logo aprendi a ler, nunca tive grandes dificuldades em relação à aprendizagem e a minha primeira professora, Tia Kátia, foi muito importante nesse meu processo de inserção na escola pela afetividade que ela passava aos alunos e a mim, tornando mais fácil acostumar-me a ficar longe da minha mãe.

Nos primeiros anos, assim como é hoje, minhas aulas eram totalmente voltadas para a alfabetização matemática e letramento, logo a escola não me ajudava a entender umas das grandes dúvidas da minha infância, como eu podia morar em Brasília se quando eu ia à cidade não via o Congresso Nacional que sempre passava no jornal e, mais, como eu podia morar em Brasília se ao

atravessar uma BR eu já estava no Goiás.

No minha segunda série mudei para outra área rural de Brazlândia, pois ao trocar de escola, fui estudar no Centro de Ensino Fundamental Rodeador. Essa foi a época mais difícil de toda a minha vida escolar, não pelas dificuldades em aprender, mas pelo esforço que tinha que fazer para chegar à escola que era excessivo para uma criança de 8 anos. Meu irmão e eu andávamos quatro quilômetros aproximadamente em uma estrada de terra para chegar na parada onde passava o ônibus. Por essa razão, já chegava à escola cansada e sem disposição e também achava todas as aulas muito chatas e, ainda mais, quando acabava a aula, às seis da tarde, tinha que fazer todo o percurso novamente.

Não fiquei muito tempo nessa escola e, ao retornar à antiga conheci uma das professoras que me inspirou a escolher a pedagogia como profissão, Tia Domane. Ela era uma professora maravilhosa, inspiradora, conseguia despertar o interesse dos alunos pelas suas aulas.

Permaneci nessa escola até a terceira série (atual quarto ano) e, então, me mudei para a Escola Classe Curralinho, mais distante ainda, pois ficava quase na divisa de Brazlândia com a cidade de Padre Bernardo-GO. Cursei toda a quarta série nessa escola e então voltei para o Centro de Ensino Fundamental Rodeador, onde ingressei na quinta série e sai na oitava.

Como minha mãe trabalhava como caseira em chácaras sempre teve que mudar muito e por isso passei por tantas escolas e todas elas foram importantes para meu desenvolvimento e ter vivido várias experiências escolares me ajudou a sempre me adaptar bem aos diferentes métodos de ensino que meus professores tinham.

Durante essa fase do ensino fundamental a geografia se tornou minha matéria preferida, mesmo sendo a mais difícil de passar, pois o meu professor, Márcio, era bem exigente, fazendo com que tivéssemos que nos esforçar para passar em sua disciplina. Quanto mais estudava geografia mais gostava da matéria, adorava estudar sobre a cultura de outros países, procurava entender o porquê das guerras mundiais e das guerras civis que assolavam alguns países.

Ao concluir a oitava série (atual nono ano) minha mãe optou por me mudar de escola, transferindo-me para o Centro de Ensino Médio 01 de Brazlândia, por ser mais perto da minha casa e também porque essa escola aprovava muitos alunos no vestibular da UnB.

Por ser a primeira vez que estudava em uma escola na cidade, tive medo, pois na minha antiga escola conhecia todo mundo, desde o pessoal da direção até as tias da cantina e os professores já me conheciam a um bom tempo e, por fim, tive que deixar meus colegas para trás. No meu primeiro dia de aula nessa nova escola me assustei com a quantidade de alunos que era bem maior que a da antiga escola.

A escola era conhecida por ter professores rígidos e também por ser bem conteudista, fatos esses que se confirmaram ao longo do tempo. O contato com as matérias de exatas me assustou um pouco, mas consegui me sair bem.

Minha matéria preferida continuava sendo geografia, porém tive um professor de geografia que odiava ser professor, e ao deixar isso bem claro aos alunos, fui criando um bloqueio com ele e sua matéria. Minha matéria preferida passou a ser História pois a professora tinha uma didática interessante, o que me despertava o interesse na matéria.

No terceiro ano ainda não tinha escolhido o que queria cursar na faculdade e tinha dúvidas entre história, geografia ou pedagogia e a escola não dava muitas orientações sobre vocação. Acabei escolhendo a pedagogia.

Não tinha esperança de conseguir passar no vestibular da UnB tinha mais confiante em obter uma bolsa em uma faculdade particular com a nota do Enem e alguns professores nos falavam que Universidade Federal não era lugar para aluno de escola pública.

Chegou então ao final do terceiro ano do ensino médio, uma fase decisiva pois é a época na qual prestamos vários vestibulares, fiz a terceira etapa do PAS da UnB, o vestibular e o Enem. Não me importei com os exames da UnB, pois estava mais confiante que iria tirar uma boa nota no Enem.

Aconteceu tudo como esperava, tirei uma nota alta no Enem e consegui bolsas no Sisu e no Prouni, uma para cursar letras-espanhol no Instituto Federal de Brasília, e a outra para cursar pedagogia no IESB. Tive que optar por apenas um, pois os dois eram programas do governo e eu não poderia acumular duas bolsas. Então optei por fazer pedagogia no IESB.

Comecei a cursar pedagogia e no IESB, até que um dia uma das minhas amigas, por meio da rede social, chamou me informou que eu havia obtido aprovação no vestibular na UnB. No primeiro momento não acreditei, mas mesmo assim, ao conferir, constatei que o meu nome estava na lista de aprovados e

continuei sem acreditar, logo eu uma aluna de escola pública em uma Universidade Federal. Ora, não era possível! Até que caiu a ficha, a minha e a dos meus pais que não paravam de comemorar.

A partir daí muita coisa mudou, pois a UnB exige que as pessoas amadureçam e comigo não foi diferente. Logo na matrícula me disseram que não precisava da minha mãe por ser menor de idade, a partir daquele momento teria que me virar sozinha.

No primeiro semestre já notei a diferença entre a faculdade e o ensino médio, pois na faculdade não tinha os professores nos dizendo o que fazer e como fazer, tinha que nos emancipar.

Passei por altos e baixos durante o curso, havendo semestres que duvidava que realmente a UnB era para mim e me arrependia de ter deixado o IESB, e, em outros semestres me sentia capacitada para está ali.

No quarto semestre, ao cursar o Projeto 2 com a professora Cristina Leite, na temática de Ensino de Geografia, me direcionei para o tema da minha monografia. No semestre seguinte cursei a disciplina de Educação em Geografia que me deu a certeza da temática de pesquisa que queria seguir.

Continuei a fazer os projetos nessa área de pesquisa e ingressei no PIBIC numa pesquisa com essa mesma temática e assim fui construindo a minha pesquisa para a monografia no decorrer do curso. Outras disciplinas, tais como História da Educação com a professora Ana Catarina, Ensino de História com a professora Cristiane Portela e Oficina de lugares de memória com o professor Fávero e todos eles contribuíram no decorrer desse processo, com as temáticas das disciplinas, estudo do lugar e das memórias e com os textos e autores discutidos que serviram de base para meu trabalho, assim como despertaram ainda mais meu interesse para a área do ensino de geografia e história.

INTRODUÇÃO

A presente monografia surgiu do meu interesse em pesquisar sobre o ensino do lugar no Distrito Federal junto à disciplina Educação em Geografia, matéria obrigatória do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, cursada no 5º semestre letivo, no ano de 2015.

Durante a disciplina, as discussões efetuadas em sala de aula, a leitura de determinados textos e minha trajetória escolar geraram interesse e motivação à realização de pesquisas na área, com o objetivo de somar experiências para contribuir com o ensino de geografia no ensino fundamental. Assim, ensinar/aprender conceitos em geografia, por meio do lugar, mostrou-se viável, pela possibilidade de se constituir uma aprendizagem significativa.

Do ponto de vista científico acredito que a relevância dessa pesquisa se mostra quando observamos que ainda existem práticas tradicionais nas aulas de geografia, onde professores ensinam o espaço de forma fragmentada e linear, utilizando uma metodologia no qual o estudo do lugar é mediado por propostas de livros didáticos. Esses priorizam discussões genéricas, pautadas na mecanização do conhecimento, sem estabelecer elos durante o ensino, tampouco facilitando uma construção conceitual, que permita aos alunos refletirem sobre semelhanças e diferenças entre seu lugar e os demais.

Essa perspectiva educacional tradicional permanece em vigência nas escolas, pois ainda existem professores que pouco valorizam o cotidiano e diversidade de seus alunos, sem explorar aquilo que tem um significado real para quem aprende. Consequentemente, a aprendizagem pura e simples, do conteúdo não colabora para uma reflexão crítica. Isso impede a construção coletiva do conhecimento, uma vez que o aluno não se sente integrado com o que o professor fala e não relaciona o assunto com aquilo que já é conhecido por ele.

Esse tema tem respaldo de vários autores - Lana Cavalcanti, Helena Callai e Cristina Leite, entre outros, que consideram o lugar do aluno como ponto de início da aprendizagem, cabendo ao professor levar para a sala de aula, um conteúdo que valoriza a vida do aluno e suas próprias experiências.

Como consequência essa aprendizagem se torna mais contextualizada, familiar e significativa para quem ensina e aprende pois quando o aluno sente-se

parte daquilo que o professor está explicando, trazendo um conhecimento prévio pois aquela é sua realidade, sua curiosidade sobre o assunto aumenta, assim como sua motivação. Desse modo o estudo do lugar em que o aluno vive pode exercer o papel de mediador na construção do conhecimento científico.

Portanto os professores devem ser mediadores conscientes de seu papel na aprendizagem dos alunos. Cavalcanti (2000) afirma que conhecimento não é uma operação simples transferência de conteúdos, de fora para dentro do sujeito, pelo contrário ele é resultado de processos complexos. A mediação do professor é resgatar conceitos cotidianos para construir significado para os alunos.

Nesse sentido, torna-se viável, para o educando, estudar primeiro seu lugar, onde são conhecidas as relações sociais nas quais está envolvido, onde a realidade sobre o lugar é inerente ao aluno, as possibilidades ofertadas em termos de lazer e cultura, entre outros aspectos não menos relevantes, para em seguida, correlacionar e aprender sobre outros espaços mais complexos (CALLAI, 2000).

Este trabalho, sob o ponto de vista metodológico, foi desenvolvido em uma turma do 4º ano do ensino fundamental na Escola Classe 05 de Brazlândia com o objetivo de identificar como os alunos se relacionam com o espaço e a história do lugar onde moram – Brazlândia, região administrativa do Distrito Federal.

Para a coleta dos dados, adotou-se a pesquisa de natureza qualitativa durante a qual o pesquisador e pesquisados tiveram contato durante todo o processo de construção da pesquisa, com intervenções e proximidade durante o período de convivência.

Como resultado, a pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado *O ensino de geografia nas séries iniciais* aborda os pressupostos teóricos de alguns autores, destacando Callai e Cavalcanti no sentido de embasar a discussão do tema tratado neste trabalho.

O segundo capítulo, *Conhecendo Brazlândia* contextualiza vários aspectos geográficos e históricos da cidade, considerando que toda a metodologia da pesquisa visa estabelecer relação entre o ensino de geografia local e o aluno morador da cidade.

O terceiro capítulo, *Brazlândia no ensino de geografia*, apresenta a metodologia de pesquisa usada, assim como os resultados alcançados durante a regência das aulas na qual se desenvolveu a pesquisa.

Por último, as considerações finais seguida da perspectiva de futuro após o término da graduação.

1. Ensino de geografia nos anos iniciais

No mundo atual, a complexidade se tornou uma característica marcante, muitos são os problemas sociais nos quais são difíceis de se entender a causa, na busca por uma resolução desses problemas mais enfatizados, segurança, saúde, desigualdade social, deposita-se uma responsabilidade na educação, assim ganha grande importância a busca por uma educação de qualidade. Leite (2002) afirma que existe uma falta de entendimento sobre o “porquê” das coisas. Tal entendimento parte do pressuposto que é necessário uma visão mais ampla da realidade, e isto é uma tarefa complicada.

A geografia aparece nesse contexto como fundamental para uma formação que prepare as novas gerações para entender essa complexidade, tendo em vista que a disciplina estuda a sociedade baseando-se na sua organização espacial.

Nas últimas décadas do século XIX, o capitalismo começa a se expandir e ocorre a fragmentação do saber universal em disciplinas, criam-se vários departamentos de geografia nas universidades. A geografia passa a ser considerada como ciência.

A geografia é uma ciência que estuda a sociedade diferenciando-se pela forma como objetiva seu estudo: o espaço geográfico.

O espaço além de ter uma base física, por ser reflexo da sociedade que o constrói, também possui um conteúdo político, econômico e cultural, assim a produção de conhecimento geográfico deve ganhar face interdisciplinar.

A ciência geográfica moderna, vai modelar-se de acordo com Gomes (2010) da crítica radical e humanista. Isso na geografia se traduz no surgimento do paradigma da nova Geografia, uma geografia crítica. De acordo com Leite(2002) a geografia crítica fundamenta-se no Materialismo Histórico-Dialético e possui na investigação

sobre os processos de organização espacial seu objeto de estudo. Constitui-se uma postura frente à realidade, à ordem constituída.

De acordo com Cavalcanti (2010), no contexto das mudanças na Geografia, o objeto de estudo torna-se a sociedade e sua dinâmica espacial, de modo a colaborar para a formação do cidadão. Cavalcanti diz que:

No Brasil, esse movimento de renovação no ensino de Geografia tem sido nos últimos 20 anos marcado por abertura de espaços e debates científicos, congressos nacionais, regionais e locais para discussão e divulgação de novas propostas de produção de trabalho e também produção de livros didáticos. Nas últimas décadas (1980 – 1960) teve uma preocupação com a problemática no ensino de Geografia, e o reconhecimento dessa problemática foi o investimento acadêmico visando assim seu equacionamento, ainda assim deve-se ressaltar que o levantamento de questões da metodologia de nível fundamental e médio merece maior investimentos de pesquisadores (menos de 40% dos títulos sobre ensino tratam dessas questões) (CAVALCANTI, 2010).

O ensino de geografia nas séries iniciais possui especificidades didáticas e pedagógicas as quais podem tanto dificultar como aproximar o processo de ensino-aprendizagem ao universo vivido e percebido, pelos educandos, para conceber um espaço geográfico mais humanitário. Pensar novas formas no ensino de geografia não é fácil. Callai (2005) apoiada em (Castelar, 2000, p. 30) afirma que é preciso aprender a pensar o espaço, sendo necessário, portanto, aprender a ler o mesmo:

Aprender a pensar o espaço. E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço, “que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (Castelar, 2000, p. 30). Fazer essa leitura demanda uma série de condições, que podem ser resumidas na necessidade de se realizar uma alfabetização cartográfica, e esse “é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens” (idem, ibid.). Para tanto, ela precisa saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar (CALLAI, 2005, p.229)

Pensar o ensino de geografia nas séries iniciais, a partir de sua função alfabetizadora, é resgatar o seu próprio objeto de estudo, o espaço, inserindo-o numa perspectiva teórica que articula a leitura da palavra à leitura do mundo. Neste

contexto, o aluno precisa perceber que ocupa um lugar no espaço, em sua casa, sua rua, seu bairro, identificar a leitura do mesmo, ou seja, edificações, distâncias, características. Assim, paralelo ao processo alfabetizador presente nas séries iniciais, a geografia permite que o aluno reconheça o espaço em que vive e se reconheça dentro do mesmo.

Segundo Callai (1999) primeiro é quanto à clareza do por que estudar Geografia. Para a autora há três razões para ensinar essa disciplina na sociedade contemporânea: “conhecer o mundo e obter informações; conhecer o espaço produzido pelo homem e contribuir na formação do cidadão”. Dessa forma, desde as séries iniciais precisa-se desenvolver nos educandos a capacidade de observar, analisar, interpretar e raciocinar criticamente o espaço geográfico e as suas transformações.

O ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental fornece subsídios para que a criança se situe em seu lugar de vivência, por meio da apreensão da paisagem que ela pode observar. Aprender a se relacionar socialmente com outras pessoas de diferentes faixas etárias, ampliando a noção de espaço. Buscar a organização de sua experiência e expectativa para com o território em que vive.

A natureza onde a ação dos indivíduos se faz notar nas formas de apropriação do espaço, como a produção da cidade e campo, a construção de vias, os movimentos de população, a produção de resíduos sólidos, os deslocamentos das pessoas para o lazer etc.

A geografia, por meio de suas atividades de leitura de textos que tratam de suas temáticas, pode auxiliar na alfabetização e no letramento, favorecendo a ampliação do conhecimento do aluno.

O estudo desta disciplina proporciona às crianças em seu nível de conhecimento sobre o lugar em que vivem, podendo fazer relações com outros lugares, pois elas convivem com ambientes (familiar e escolar), questionam e apresentam suas próprias concepções sobre a natureza e a sociedade.

1.1O Estudo do lugar no ensino de geografia

No ensino de Geografia, o estudo do lugar compreende uma importante contribuição para a construção de conhecimentos, considerando que a abordagem das experiências de vida dos alunos no processo ensino/aprendizagem favorece significativamente a produção e desenvolvimento de saberes úteis do ponto de vista da significação social dos conteúdos como discutem, entre outros, Callai (2000, 2001, 2005), Castragiovani, (2003), Cavalcanti (2001, 2002, 2005), Kaercher (1999, 2003).

Entende-se aqui como lugar, uma categoria de análise do espaço geográfico, o qual precisa ser delimitado para posteriormente ser ensinado, sendo necessário trabalhar primeiro o espaço local, vivido pelos alunos para depois o global. Ser capaz de ler e compreender o mundo é fundamental para o exercício da cidadania, pois para se fazer uma leitura de mundo é preciso primeiramente pensar no espaço em que se vive, compreendê-lo para depois partir para uma leitura global, neste contexto concorda-se com Callai:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p.228)

A compreensão do mundo parte do entendimento do local em que se vive, as suas transformações e as relações que nele se dão. Dessa forma se torna viável o ensino a partir do lugar do aluno, para o ensino do global. Assim, corrobora-se a reflexão de Callai:

Estudar a realidade circundante é buscar o entendimento do que está acontecendo, seja no lugar, seja no mundo. Esse entendimento gera, necessariamente, um processo de aprendizagem com significado. Quer dizer, não é a escola simplesmente cumprindo conteúdos curriculares, mas desenvolvendo atividades que tornem o sujeito capaz de conhecer para mudar.

E, principalmente, encontrar os caminhos para mudar. Estamos vivendo num mundo que precisa ser conhecido e compreendido, não pelo lugar em si, mas pelo conjunto no qual ele se contextualiza. (CALLAI, 2010, p. 35).

É no lugar que o aluno vive intensamente os processos sociais, onde se relaciona mais intensamente com as pessoas e até mesmo com o próprio espaço geográfico. Nele, são construídas relações identitárias e até mesmo de pertencimento. É por esse motivo que consideramos indispensável que o “lugar” ou os espaços próximos do aluno também sejam levados em consideração no ensino da Geografia. Através dele se entra em contato com o mundo, como aprendemos na teoria de Santos: “O lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel em sua história.” (SANTOS, 1988, p.35).

Esse sentimento de pertencimento é fundamental para a construção da cidadania, uma vez que o lugar, categoria de análise do espaço, é uma construção social, a relação dos moradores com o seu lugar é que dar identidade ao mesmo.

Quando se trata do Distrito Federal, construir esse sentimento é mais complexo, tendo em vista que o DF apresenta características muito peculiares, frequentemente as regiões administrativas são relacionadas como pertencentes a Brasília, tomando-se sempre Brasília como referência para estudar o DF, ignorando as características e histórias das outras Regiões Administrativas (RA's)

Tomando como referência Callai (2000), destacamos que para uma compreensão do mundo e do sistema em que se vive, é necessário, primeiramente, conhecer o lugar em que se vive, assim como, no estudo do espaço geográfico, é necessário delimitá-lo, ou seja, definir o local, o objeto de estudo, pois o espaço é muito amplo. Partir do estudo do local em que se vive e atua para compreender o mundo parece ser o caminho mais correto, pois permite que se conheça a construção histórica e social do mesmo, já que o sujeito está afetivamente vinculado àquele espaço, tornando seu estudo mais significativo e concreto.

Na literatura geográfica o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é muito importante para o aluno, pois ao mesmo tempo em que ele é global, as relações se concretizam nos lugares específicos.

Conforme Callai (2000), apoiada em Santos (1996), cada lugar é, à sua maneira, o mundo, a história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central. Então, estudar e compreender o lugar em geografia significa compreender as relações que ali ocorrem interrelacionado-as, e isso remete novamente a importância do aluno conhecer o lugar onde mora para compreender a relação entre escalas maiores do regional para o local.

A dimensão histórica também deve ser considerada na análise geográfica, pois permite a compreensão da realidade como um processo de atuação da sociedade, ou seja, a dinâmica das relações da humanidade com a natureza e com as diversas atividades que desenvolveu ao longo do tempo e que foram marcantes na construção do espaço atual.

No ensino de geografia o maior laboratório é o mundo, devemos então ir além das salas de aula, partindo do próximo para o distante, mudando esta ordem se assim achar importante, logo trabalhando uma geografia globalizada para alunos globalizados.

A geografia deve ser trabalhada de forma a explorar a observação por parte do aluno, observar ao seu redor, percebendo mudanças, evoluções, degradações, permanências, sejam elas nas ruas, cidades, bairros. E que neste processo de observação, o aluno, por exemplo, seja instigado pelo professor a olhar criticamente e reflexivamente uma paisagem, e entender que ela conta uma história, apresenta recursos naturais, possui ação do homem, etc.

Precisamos que nossos alunos consigam ler, olhar criticamente, analisando o antes e o depois e os porquês das mudanças, os diferentes lugares não se formam ao acaso, são influenciados pelas intervenções humanas da sociedade por diversos objetivos.

Como discorre Cavalcanti (2008), são de extrema relevância as crenças e as vivências obtidas pelo professor enquanto cidadão que participa da produção espacial. Acredita-se que práticas pedagógicas adotadas pelos professores são fundamentais para despertar o interesse do aluno, visto que a motivação e o interesse discente aumentam à medida que o mesmo se envolve com a escola e com a sociedade, rompendo com a tradição ainda muito presente no ensino da

Geografia, de apenas descrevê-las. Analisar o conteúdo, gerar discussões, trazer para a sala de aula fatos e acontecimentos diários da sociedade são importantes metodologias a serem consideradas pelos professores de Geografia.

2- Conhecendo Brazlândia

O planalto central do Brasil começou a ser povoado no século XVII, por ocasião do ciclo do ouro, mas foi somente no século XIX, com a transposição de boiadas e o transporte de produtos para abastecimento dos mineradores, trabalho exercido pelos “tropeiros”, que surgiram as primeiras povoações nesta região: Luziânia e, depois, Formosa e Planaltina. Mais tarde foram surgindo outros pontos de apoio, dentre eles o pequeno povoamento da Chapadinha, nome oriundo da sua localização geográfica na chapada do Vão dos angicos e, pela existência de um lugarejo conhecido por sobrado, localizado em terras da fazenda Chapadinha, nome do córrego que banha a referida fazenda.

Brazlândia, com ritmo de vida interiorana e economia baseada na produção agrícola e comércio, tem história bem mais antiga do que a das outras regiões administrativas do DF, com exceção de Planaltina. Localizada na região noroeste do Distrito Federal, faz parte da história do Brasil colônia. (Chaves, 2011, p.75)

A origem da cidade advém do povoamento da localidade Chapadinha por quatro famílias, inicialmente que foram: os Abreus de Lima, os Rodrigues de Prado, os Cardoso Oliveira e os Braz. Atividades agrícolas e de pastoreio já estavam em pauta naquele tempo, o que caracterizou o aspecto de vida da população. O desenvolvimento na agricultura foi trazido pelos Cardoso de Oliveira e pelos Braz que já tinham tradição nesse tipo de atividade.

Brazlândia pertenceu ao Estado de Goiás (GO) antes da criação do Distrito Federal no centro oeste brasileiro. Sua tradição agrícola tem raízes no começo do século XX com a vinda de goianos e mineiros que se estabeleceram na região. O desenvolvimento foi trazido, principalmente pelos Braz, de Carmo do Paraíba, em Minas, e pelos Cardoso de Oliveira, de Posse, em Goiás, que já tinham tradição como agricultores e pecuaristas. Os dois clãs estabeleceram relação familiar e de negócios, realizando atividades

agropecuárias e pastoris nas três décadas seguintes. (CODEPLAN, 2015)

Contudo, tanto a cultura religiosa, como a agrícola, teve seu início na cidade na década de 20, do século XX, impulsionado pelas famílias.

No início dos anos 30, as famílias conseguiram, por influência política, que o povoado fosse elevado à categoria de Distrito de Santa Luzia, hoje Luziânia – GO. O lugar recebeu o nome de Brazlândia, em homenagem à família mais numerosa da região, a família Braz. O decreto criando o distrito é de 15 de Abril de 1932, no entanto, o aniversário da cidade é comemorado em 5 de Junho de 1933, data em foi criada a subprefeitura de Brazlândia (CODEPLAN, 2015)

O nome da cidade em homenagem à família Braz que era a mais numerosa e também a mais rica, demonstra a influência que eles tinham sobre o povoado, porém.

A decisão do presidente Juscelino Kubitschek de levar a capital federal para o plano piloto central mudou o rumo da pequena Brazlândia. Já em 1958, foram desapropriados, mais de mil alqueires da cidade – satélite. Apenas a área que circundava a sede urbana de Brazlândia não foi transferida para o governo federal (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA, 2015)

Após a inauguração de Brasília, a cidade foi anexada como cidade satélite, sendo mais uma (RA) Região Administrativa do Distrito Federal.

Brazlândia se encontra a 59 km de Brasília e é a RA mais distante do Plano Piloto. A transferência do Distrito Federal para a região centro oeste ocasionou mudanças na sua situação fundiária, populacional e econômica. Com o represamento do Rio Descoberto e a formação do lago que leva seu nome, destinado ao abastecimento de Brasília, muitas fazendas desapareceram. Hoje as propriedades são bem menores, a maioria com até 5 hectares. Brazlândia que em 1960 contava com aproximadamente 1000 (mil) moradores, foi alvo de assentamentos em sua área urbana e rural (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA, 2015).

Segundo Chaves (2012) nos anos seguintes a incorporação ao Distrito Federal, à cidade experimentou um crescimento acelerado. Centenas de agricultores

japoneses e procedentes de outras partes do país foram assentados no núcleo rural Alexandre Gusmão. Outros se instalaram na zona urbana, no final da década de 60, onde foi criado um loteamento de duas mil casas para assentar os moradores da favela *vietcong*, perto de Taguatinga.

Em meados da década de 80, quando foi criada a Vila São José, a população de Brazlândia era de cerca de 25 mil habitantes. O que não mudou tanto o modo de vida calmo dos moradores, ainda presente nas antigas e novas ruas. A cidade divide-se em seis setores: setor tradicional, setor norte, setor sul, setor veredas, vila são José e expansão da vila são José, além de um núcleo habitacional na zona rural (hoje essencialmente urbana) o INCRA 08 e outros de menor porte como: Chapadinha, Rodeador, Curralinho, Torre, Bucanhão e almécegas.

A Região Administrativa de Brazlândia (RA IV) está inserida em área de grande importância ambiental para o Distrito Federal, compreendendo as áreas de proteção ambiental (APA'S) Cafuringa e Rio Descoberto, além de duas áreas da floresta nacional.

A cidade também é marcada por ambientes bucólicos, sendo uma cidade ainda tipicamente rural é a que fica mais distante do Plano Piloto. Ela também tem como marca registrada o grande potencial turístico, que foi sua tradição religiosa.

A cidade possui alguns pontos turísticos como a rua do lago à margem esquerda do lago espelho d'água que é um local de encontro das pessoas (onde acontece o carnaval). Alguns locais no entorno da cidade que são para divertimento e lazer, como poço azul e a chapada imperial.

Temos também outros eventos como a festa do leite, a exposição do artesanato, a folia da roça, realizada na zona rural da cidade, o encontro dos violeiros.

A imagem que se construiu da RA é de "cidade do interior", "cidade-dormitório, pois na percepção dos seus próprios moradores, Brazlândia é uma "cidade do interior". Isto é facilmente verificável pelas festas religiosas, e pelo turismo rural que os administradores da RA procuram desenvolver na RA. Toda esta estrutura tem na Administração Regional de Brazlândia um incentivo administrativo-econômico-político envolvido que lhe dá suporte e tem procurado solidificar uma identidade diferenciada frente às demais RA do Distrito Federal, a saber: a própria Associação cultural Alexandre Gusmão – ARCAG -, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER-DF, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA

- , a Administração Regional de Brazlândia e o Governo do Distrito Federal – GDF. (CHAVES,2011,P. 86)

A cidade foi apontada como um dos principais cinturões verdes, o INCRA observou o grande potencial da cidade já na década de 60. Tendo sua economia baseada praticamente na produção agrícola, a cidade surge como um fenômeno, principalmente no que tange as hortaliças. Com propriedades de no máximo 10 hectares e a proximidade com centros urbanos como Brasília e principalmente Taguatinga, o pronto consumo da produção e o lucro da atividade.

O que torna a cidade bastante conhecida é a sua produção agrícola, bem como o destaque que é o morango. Os japoneses que chegaram à cidade na década de 70, oriundos de São Paulo, logo implantaram técnicas de cultivo para a fomentação da prática.

A Região Administrativa de Brazlândia se fez conhecer pela sua capacidade de produção agrícola. Com uma área de cultivo que representa apenas 3,68% de toda a área cultivada do território do DF, responde por 13% da produção total; 38,73% da produção de hortaliças e no plantio de frutas por aproximadamente 30% da produção. Brazlândia tem se destacado na produção do morango em 2004 produziu 2.427 toneladas, o que representou mais de 99% da produção do DF. (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA, 2011)

O cultivo de morango na cidade começou de forma bem rústica, os japoneses que aqui se instalaram começaram a produção no núcleo rural Alexandre Gusmão, logo com o crescimento da cidade foram se diversificando em vários pontos.

A presença da colônia japonesa, a maior do DF, que veio para Brazlândia depois da inauguração de Brasília, foi fundamental para o desenvolvimento da região como uma das maiores produtoras agrícolas do DF. Foram os japoneses que, no início da década de 1970, trouxeram as primeiras mudas de morango para o Distrito Federal, vindos da região de Atibaia – SP, até hoje o principal pólo de produção de morango naquele estado. Muitos foram assentados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a partir de 1970, no “Projeto Integrado de Colonização Alexandre Gusmão (PICAG)”, na Região Administrativa de Brazlândia, atualmente o principal pólo produtor de morango do Distrito Federal, além de outras hortaliças e frutas. (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA, 2011).

A cidade de Brazlândia tem seu aspecto diferenciado das outras cidades-satélites. Com sua vida bucólica, pacata e interiorana, a cidade se desvincula das

outras. Com seus aspectos culturais e porque não naturais, a cidade se desenvolve de maneira gradual para suprir as necessidades que de alguns anos para cá se agravou.

O seu desenvolvimento, sobretudo se inicia com

A presença da colônia japonesa que chegou a Brazlândia depois da inauguração de Brasília, contribuindo para o fato da RA ser uma de suas produtoras agrícolas. Mesmo assim, a maioria da população vive na zona urbana. (CARVALHO, 2011, P.. 11)

Por se caracterizar como uma cidade tipicamente agropecuária, Brazlândia se destaca (como foi visto) e é reconhecida por sua produção de morango e, sobretudo pela festa que leva o nome.

É perceptível que a cidade neste trabalho apresentada, possui uma história muito rica, história esta que não se perdeu no tempo graças aos moradores do lugar que mantêm esta história viva.

Estudar história local e regional parte da necessidade de não deixar costumes e hábitos de tempos remotos se percam por definitivo sendo que o princípio da história e preservar o que não existe ou tentar resgatar o que se perdeu.

O reconhecimento da história local influencia no reconhecimento que os moradores têm da cidade. Conhecer o lugar em que se vive é o começo para se conhecer o mundo, e esta proposta deve ser contemplada no ensino de geografia nos anos iniciais. Valorizando desta maneira a identidade dos sujeitos, contribuindo para a construção da cidadania.

2.1- O local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Classe 05 de Brazlândia que foi criada em 1969, e, inicialmente foi instalada nas dependências de uma igreja, um anexo do então Colégio de Taguatinga Norte para oferecer o Curso Ginásial à comunidade da época. O professor Benjamin de Souza Miranda foi o primeiro responsável por esta escola na condição de anexo do Colégio de Taguatinga Norte.

Em 06/03/1970 o referido anexo foi transferido para sede própria. O atual

estabelecimento passou a funcionar sob a denominação de Ginásio de Brazlândia (GB) por ter sido este o título que recebeu quando foi criado.

Somente no ano de 1979 este Estabelecimento de Ensino recebeu a denominação de Escola Classe 05 atendendo alunos de pré-escola à 4ª série, onde atualmente atende por volta de 570 alunos funcionando nos dois turnos (matutino e vespertino) tendo quatro turmas de Educação Infantil e 16 turmas do Ensino Fundamental I.

A escola está posicionada em uma zona urbana entre as quadras 1 e 4 sul em Brazlândia e atende, atualmente, cerca de 20%, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, dos alunos residentes da zona rural ou setor de chácaras situado aos arredores da escola denominados Cascalheira, Capãozinho e Padre Lúcio. Estes alunos recebem auxílio do Governo do Distrito Federal que lhes disponibiliza, gratuitamente, o transporte de suas residências até a escola.

Escola Classe 05



(Fonte: Regional de Ensino de Brazlândia)

3-Brazlândia no Ensino de geografia

Por tratar-se de conteúdos subjetivos, necessitando de análises individuais, o trabalho segue uma natureza qualitativa, ou seja, uma interpretação dos dados coletados durante a pesquisa, e participante, pois o pesquisador e pesquisados tiveram contato durante todo o processo de construção dos objetos de estudo, com intervenções, proximidade durante o período de convivência. (Gerhardt e Silveira,

2009) .

A pesquisa qualitativa traz possibilidades para a interpretação de dados de acordo com estudos anteriores, visto que campo de estudo é mais abrangente e menos rígido. Essa correlação que pode ser feita entre os resultados de uma pesquisa anterior com novas teorias ajuda o pesquisador a ter mais condições para refutar ou não resultados anteriores. No entanto, a pesquisa qualitativa na educação, enxerga o grupo pesquisado como sujeitos, levando em consideração também as singularidades de cada grupo. O que pode ser considerado um ponto positivo na pesquisa, quando se trata de contexto educacional.

Como procedimentos metodológicos essa pesquisa teve a observação participante, roda de conversa, e análise de desenhos elaborados pelos discentes.

A observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade. (ANGUERA, 1985).

A metodologia da pesquisa inclui também as rodas de conversas que possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade (SAMPAIO J, SANTOS GC, AGOSTINI M, SALVADOR AS, 2014).

Além da brincadeira, uma das principais atividades desenvolvidas na educação infantil é o desenho. Ele é mais uma forma de expressão da criança e contribui em vários aspectos em seu desenvolvimento, como coordenação motora, organização do pensamento, construção das noções espaciais e outros aspectos cognitivos importantes para a alfabetização.

Ao analisar o desenho de uma criança, é comum não conseguirmos ver uma lógica ou sentido, porém é a partir dessa construção que a criança imprime seus sentimentos, ideais e transcreve sua realidade. E através dele também, inclusive, dá pistas de seus conflitos internos. Por este motivo, o desenho é adotado como

método por muitos interessados em pesquisa na área da educação infantil, a fim de saber o que está acontecendo no subconsciente da criança em todos os contextos que ela está inserida. Sendo esta a maneira mais prática de se obter informações, do que como em uma entrevista, por exemplo, onde a criança pode omitir detalhes importantes de uma possível situação de conflito que esteja passando e por meio do desenho esse lado consciente pode ser deixado de lado por algum tempo. É através de traços e cores, que aparentemente não nos faz sentido, que a criança expõe o que sente e o que ela entende sobre determinados assuntos. Desenhando possibilita o descobrir, conhecer e aproximar-se. É um processo criativo que exercita a arte e a ciência, que como delineia Paul Klee:

[...] o processo criativo envolve a capacidade de relacionar, associar, ordenar, configurar, selecionar, sintetizar, formar e compreender, e ocorre de forma ainda melhor quando acompanhado de liberdade para elaborar e criar (1995 apud PINAZZA E GOBBI, ANO).

Considerando que a imaginação e a criatividade de uma criança não têm limites, e por esta ser uma fase onde o lúdico é de caráter participativo, o simples ato de desenhar possui um papel muito importante no processo de desenvolvimento da criança, além do mais pode revelar a forma como ela enxerga o mundo.

Numa primeira fase de investigação empírica, optou-se por passar por todas as turmas da escola a fim de que se conhecesse todas, para que na segunda fase escolhesse apenas uma para acompanhar.

Na segunda fase a observação foi realizada apenas numa turma de 4º ano do ensino fundamental. A turma é composta por 26 alunos entre 8 a 12 anos. Tendo uma professora de contrato temporário como regente. Uma quantidade significativa dos alunos reside da zona rural de Brasília

A pesquisa se dividiu em nove aulas observadas e nove aulas regidas, sendo que o planejamento das aulas em que houve a regência teve a supervisão da professora da classe.

Levou-se em consideração nessa pesquisa os conteúdos previstos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de geografia nos anos iniciais, bem como os conteúdos do Currículo em Movimento do Distrito Federal, procurando fazer um levantamento do que poderia se relacionar com o tema “Estudo do lugar” para

direcionar as aulas.

Durante a primeira fase ocorreu somente a observação das aulas, podendo constatar que o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental precisa ser renovado, vários aspectos observados mostraram que o ensino de geografia é limitado e pouco contribui para a formação cidadã. Dentre os vários aspectos observados destaca-se:

- Direcionamento das aulas dos anos iniciais de escolarização para português e matemática.
- Livro didático com informações limitadas a Brasília.
- Limitação dos conteúdos referentes às Regiões Administrativas.
- Explicações vagas e insuficientes no que diz respeito as RA's.
- Ensino de Geografia limitado aos aspectos físicos do Distrito Federal.
- Ensino de História limitado à construção de Brasília quando se refere ao Distrito Federal

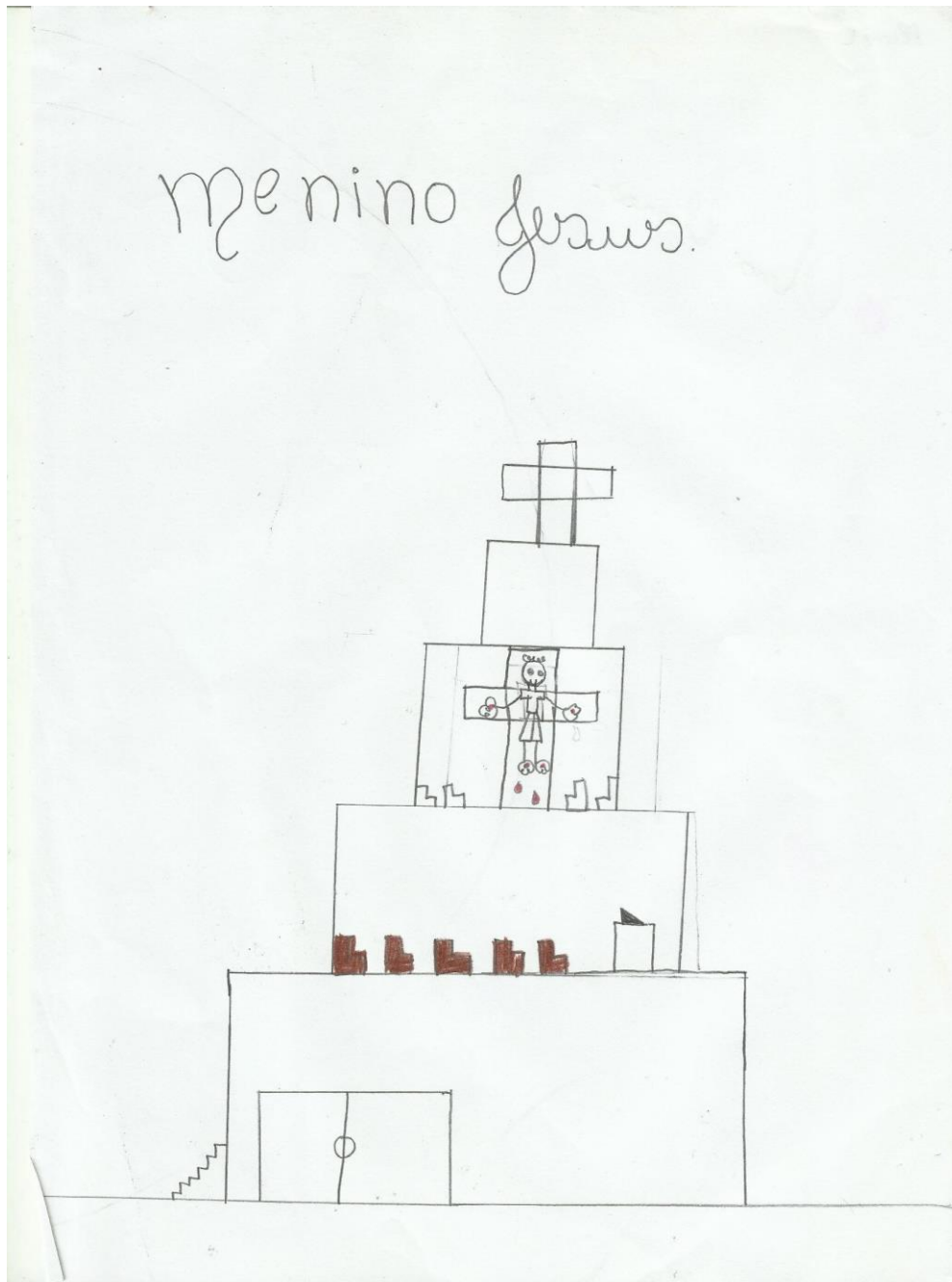
Esses aspectos mostram a necessidade de uma nova forma de se trabalhar a geografia nos anos iniciais, pensando nisso que as aulas em que a regência foi de minha responsabilidade foram pensadas de modo a contemplar o lugar – Brazlândia - como ponto de partida para o ensino.

Conhecer o lugar em que se vive é o começo para se conhecer o mundo, e esta proposta deve ser contemplada no ensino de geografia nos anos iniciais. Valorizando desta maneira a identidade dos sujeitos, contribuindo para a construção da cidadania.

Primeira Aula:

Nesta aula o objetivo foi investigar o que as crianças já sabiam sobre a cidade e para isso solicitei que elas desenhasssem um espaço que gostassem, sem especificar que a cidade deles era Brazlândia. Vários alunos desenharam espaços que pertenciam a Brazlândia, assim como outros alunos desenharam espaços não pertencentes à cidade, como segue o exemplo dos desenhos abaixo:

Desenho 1- Santuário Menino Jesus



Desenho 2- Rodoviária do “Plano Piloto”



Como se pode observar o primeiro desenho representa o Santuário Menino Jesus um ponto turístico da cidade, já no segundo há a representação da "Rodoviária do Plano Piloto" como popularmente é conhecida a Rodoviária localizada no centro de Brasília. Fica perceptível que ainda que alguns alunos reconhecem Brazlândia como o seu lugar, ainda havia aqueles que não se reconhecia como pertencente a cidade, confundindo Brazlândia com Brasília.

Isso mostra a necessidade de se delimitar o espaço geográfico a ser estudado, evidenciando a prática comum no ensino de geografia no Distrito Federal,

se ensinar a geografia de Brasília como se fosse a de todo o DF, ignorando-se características peculiares de cada lugar.

O aluno que é autor do desenho 2, reside da zona rural de Brazlândia e pouco contato têm com o centro de Brasília, ainda assim desenhou um local de Brasília quando foi pedido para que representasse um lugar que gostasse da sua cidade.

O Gráfico abaixo representa a quantidade desenhos feitos e especifica quantos deles havia a representação de Brazlândia:

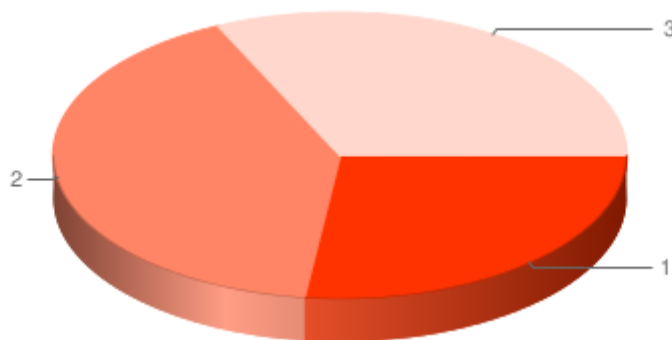


Gráfico 1: Representação de espaços da “Sua cidade”

O número um representa alunos que desenharam espaços de Brazlândia totalizando 27% de um total de 22 alunos da turma, o número dois representa alunos que desenharam locais não existentes na cidade (imaginários) totalizando 41% dos alunos, e o número três representa os alunos que desenharam espaços de Brasília, num total de 32% dos alunos.

Segunda aula e terceira aula:

Diante do que foi percebido na primeira aula achei necessário que diferenciassem Brazlândia de Brasília na segunda aula. Foi um desafio porque o combinado com a professora é que esta aula seria de matemática, pois ela não poderia deixar de dar o conteúdo por conta do meu estágio.

A atividade que propus então foi a resolução de problemas matemáticos, conteúdo do 4º ano de acordo com os Parâmetros Curriculares, através da interpretação de mapas do DF, para que assim os alunos pudessem visualizar que Brasília e Brazlândia não estão localizadas no mesmo lugar, apresentando inclusive

as diferenças entre estas regiões. A atividade durou duas aulas pois não dispunha da aula toda para a realização da mesma. A atividade foi a seguinte:

1ª Etapa

- Três mapas foram distribuídos para a turma, um com dados da taxa de analfabetismo da população do Distrito Federal em 2004, outro com a renda da população do DF no mesmo ano, e o último com a porcentagem da população presente em cada Região Administrativa.
- Pedi que aos alunos que analisem os mapas, devendo obter as seguintes informações:
 - i. Total da população do DF em 2004.
 - ii. Sabendo a porcentagem da população analfabeta de cada região administrativa, calcular a quantidade de pessoas analfabetas nas duas regiões com maiores taxas de analfabetismo, e nas duas com as menores.
 - iii. Analisando o mapa do analfabetismo e da renda per capita, indicar a relação entre os dois.

Após o término dessa atividade outros desenhos foram feitos, dessa vez procurando identificar as atividades econômicas que evidenciaram a diferença econômica entre Brazlândia e Brasília, questionei acerca do trabalho dos pais dos alunos, para que os mesmos pudessem identificar o que é uma atividade comercial.

Através dos desenhos constatou-se que os alunos identificam como a principal atividade econômica de Brazlândia, a agricultura, visto que a grande maioria desenhou plantações, isto se deve ao fato do grande número de alunos da turma ser residente da zona rural, sendo os seus pais agricultores.

Os alunos residentes na zona urbana desenharam pequenas lojas, e também houve aqueles que não souberam identificar o que o pai ou mãe trabalhava pelo fato dos mesmos não trabalhar na cidade.

Desenho 3 - Atividades econômicas



A leitura dos mapas e análise quantitativa/ qualitativa dos seus dados necessitam tanto de noções matemáticas como de noções geográficas, para que a propostas das atividades sejam desenvolvidas é necessário que haja uma conversa entres estas disciplinas, proporcionando uma aprendizagem efetiva.

Quando o aluno analisa sua realidade, e sobre ela reflete, ele se torna um indivíduo capaz de batalhar para que o sua comunidade seja um lugar melhor para todos. Conhecer o meio em que se vive é necessário para buscar uma sociedade mais justa, em que os direitos sejam iguais para todos. Refletir criticamente sobre a

realidade é começo para empenhar-se na busca por melhorias. Para isso é que se propõe a reflexão do lugar, utilizando-se de conhecimentos matemáticos e geográficos, aproximando o aluno da sua realidade social.

Dessa maneira concorda-se com Jerônimo e Gonçalves (2013) que afirmam que a apropriação do espaço tem como indicador a manifestação da identidade de lugar das pessoas e das comunidades, pois as relações sociais, culturais e históricas que se dão no mundo concreto e simbólico vão se constituindo no contexto no qual o sujeito é construído. Entende-se que o sujeito é construído no seu contexto, no qual as dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais ajudam a tecer uma rede que envolve o espaço físico-social e os lugares mais íntimos, mais significativos.

Quarta e Quinta aula:

Na quarta aula a disciplina a ser contemplada era história e, de acordo com o Currículo em Movimento do DF, escolhi duas temáticas relacionadas à vida dos alunos:

- Modos de vida nas regiões administrativas
- Etapas de ocupação no DF - semelhanças, permanências e mudanças

A história também pode se encaixar na temática do estudo do lugar, uma vez que é cada vez mais frequente entre os professores e estabelecimento de ensino a preocupação com a chamada história local. E para o estudo da história local é necessário que se limite o espaço geográfico. Assim concorda-se com Fagundes (2006) que refere-se ao local como o “espaço tomado a princípio como uma abrangência geograficamente restrita, em cujos laços sociais e de parentescos de seus moradores ainda se mantêm vínculos comunitários e uma existência de sociabilidade direta entre eles.”

Seguindo essa orientação, planejamos uma entrevista com um morador antigo para que eles pudessem ter uma noção das mudanças que ocorreram na cidade até chegar ao que é hoje. Primeiro fiz um roteiro da entrevista com as crianças em sala de aula e para que houvesse um direcionamento da conversa, as questões abordadas foram:

- ❖ Há quanto tempo você mora na cidade?
- ❖ Como era a cidade na sua infância?

- ❖ Quais foram as mudanças? Foram negativas ou positivas?
- ❖ O que permaneceu do mesmo jeito?
- ❖ Você gosta de viver na cidade? Por que?
- ❖ E em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permaneceu ao longo dos anos?

No dia da entrevista foi organizada uma roda de conversa e fizemos então um círculo na sala e a conversa foi fluindo aos poucos. O morador entrevistado era um vizinho meu, cujo apelido é "João Abobrinha" e também por ser pai de um músico muito conhecido na cidade.

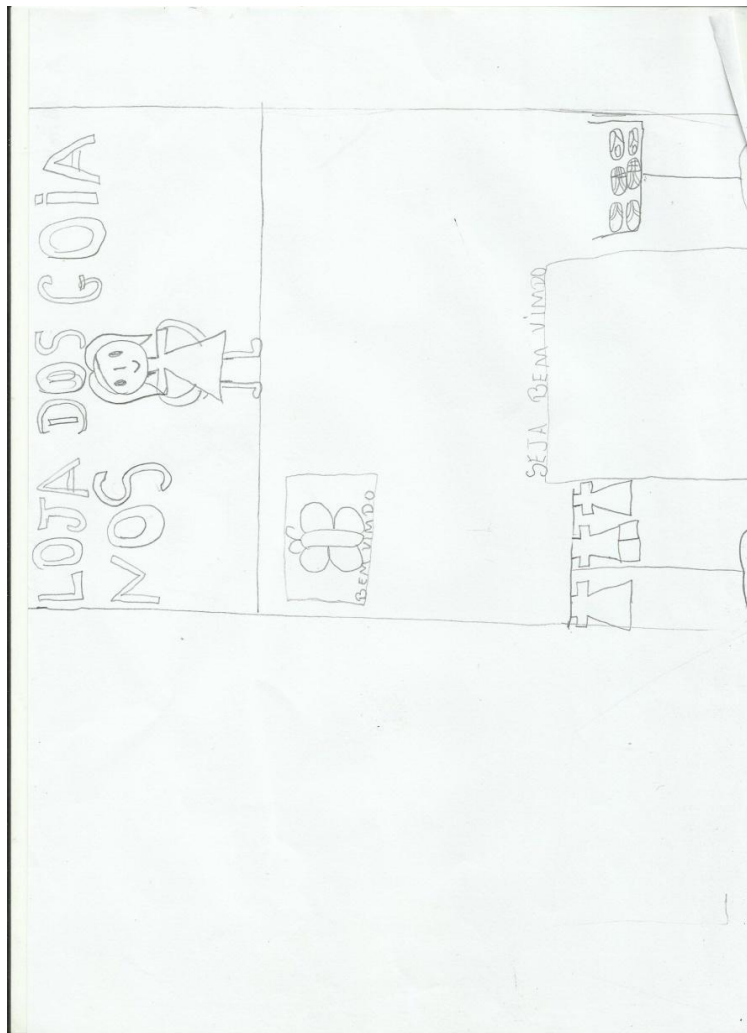
Conhecer a história da cidade através dos pioneiros é uma forma de valorizar os saberes que eles possuem, reconhecendo dessa forma a importância que essas pessoas têm para manter viva a história. Ter conhecimento da cidade em que se vive é ter conhecimento de si, visto que são as pessoas que constroem a identidade do lugar em que moram e através delas é possível inteirar-se da história da sua cidade, valorizando a sua própria identidade.

Com a entrevista foi possível perceber que o processo de mudança e transformações da cidade. Os alunos perceberam as mudanças em vários lugares da cidade: os espaços de lazer de hoje são escassos e restritos para um público muito específico. Ficou perceptível também que apesar do jeito interiorano, a infraestrutura melhorou bastante.

Após a entrevista pedi aos alunos desenhassem espaços da cidade de lazer e de atividades de comércio. Logo depois foi feita uma roda de conversa para discutir os desenhos feitos por eles. O foco da conversa girou em torno dos espaços de lazer da cidade e nas falas dos alunos foi comum escutar as seguintes queixas: “Em Brazlândia quase não tem nada para fazer”; “O Lago está cheio de lixo”; “Deveriam arrumar o balneário”.

Este momento serviu para discutir acerca da cidadania e mostrar para as crianças qual o papel delas perante a situação encontrada nos espaços da cidade e quando questionadas sobre o que poderiam fazer para melhorar tal situação, citaram “cobrar dos políticos melhorias”, “não jogar lixo na rua e nos lugares para que os espaços da cidade não ficassem poluídos”.

Desenho 4- Loja de roupa da cidade



Todas essas questões sobre a história local estão presentes no documento de orientação curricular da Secretaria de Educação do Distrito Federal, *Currículo em movimento do DF*, ao destacar que

“pensar o espaço é ter consciência do local que adquire significado e lhe é familiar, estabelecendo relações com outros locais. Esse espaço tem como centralidade o ser humano e é construído a partir da interação deste com a natureza e com as forças sociais que se estabelecem. É necessário, portanto, reconhecer esse sujeito como parte dessa natureza.” (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO DF, 2014)

Levando em consideração o Currículo em Movimento, as atividades que devem ser propostas no caderno devem ter a cidade de Brazlândia como ponto de partida da aprendizagem dos alunos, para após partir para o contexto geral do DF. O docente deve partir do local para o global, dando significado aos conceitos geográficos através do estudo da cidade.

Sexta, sétima, oitava e nona aula

Depois da entrevista houve necessidade de se alterar o roteiro das aulas, pois nessa ocasião estava previsto no calendário escolar a realização da festa das regiões. Tendo em vista que o quarto ano ficou responsável por representar a região centro-oeste, concentramos em estudar os aspectos físicos do centro-oeste.

Para apresentar os aspectos físicos do Centro-oeste, apresentei-lhes os conceitos geográficos de relevo, hidrografia, clima e vegetação da cidade a partir de Brazlândia para então partir para o centro-oeste.

Foi solicitado aos alunos que identificassem os elementos presentes na cidade que caracterizassem esses conceitos geográficos, para isso usamos imagens da cidade e de sua área natural.

Os principais pontos da cidade identificados pelos alunos foram:



O reservatório do Rio Descoberto

(Fonte: Tv CMN)

O reservatório foi citado pelos alunos como principal elemento representante da hidrografia da cidade por sua enorme dimensão. É possível observar o reservatório da cidade, desta forma os alunos conseguem ver todo dia o Rio Descoberto, fazendo parte do cotidiano deles.



Chapada imperial

(Fonte: Comissão Preserva Brazlândia)

A Chapada Imperial é um dos principais pontos turísticos da cidade de

Brazlândia, são frequentes os passeios escolares para lá. Acredito que por isso o lugar foi lembrado pelos discentes quando o assunto foi relevo.



Parque Veredinha

(Fonte: Comissão Preserva Brazlândia)

O Parque Veredinha foi citado quando o assunto foi vegetação, pois o mesmo está localizado do meio da cidade sendo muito utilizado pelos moradores para a prática de esportes. De vários pontos da cidade é possível ter contato com o parque, então a maior parte dos estudantes tem a presença do parque na rota de casa para a escola, sendo assim um elemento comum no cotidiano deles.

Percebe-se que os elementos citados pelos alunos são aqueles que fazem parte do seu cotidiano, mostrando dessa forma que é possível partir do lugar do discente como ponto de partida da aprendizagem. Para Callai (2005) “O espaço não é neutro, e a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida.”

Para finalizar as atividades confeccionamos um ipê amarelo para representar a região Centro-Oeste.



Ao professor cabe desenvolver a capacidade da criança de ler criticamente esses espaços que já são inerentes à própria criança e possibilitar a construção do conhecimento geográfico e/ou histórico. Assim concorda-se com Callai:

O aprendizado da criança é também complexo e amplo. Interessamos pensar como ela aprende e que significados dá ao espaço, como desenvolve essa noção, a partir da sua vivência e do desenvolvimento do seu pensamento. Importa aqui compreender o significado de saber ler o espaço, e “toda informação fornecida pelo lugar ou grupo social no qual a criança vive é altamente instigadora de novas descobertas”(CALLAI, 2005, pag.234)

Para que o aluno possa aprender geografia e não apenas para assimilar compreender as informações do gráfico disponíveis, mas para formar um pensamento espacial, é necessário que forme conceito geográfico e abrangentes.

Na prática continua sendo um desafio cumprir objetivo básico da geografia na escola, que é formar um pensamento geográfico, pensamento pode ser genericamente estruturado para compreender atuar na vida cotidiana pessoal e coletiva.

Considerações Finais

Esta pesquisa nos mostra que a geografia e história podem e devem contribuir para uma formação cidadã para que os alunos possam se sentir pertencentes ao lugar em vivem, reconhecendo dessa forma a sua identidade. Para isso cabe ao professor ser mediador na construção do conhecimento, cabendo a ele trazer conceitos geográficos por meio do lugar em que a criança mora, aproximando a sua realidade aos conteúdos da escola, com o intuito de desenvolver nos alunos a valorização do lugar a qual pertencem.

Pensar em educação de qualidade requer que se pense na formação dos professores, e o atual contexto é desfavorável para a construção de uma educação que contemple tudo que se exige .

Cavalcanti (2010) afirma que pensar sobre aspectos metodológicos do ensino de geografia, tendo em vista o que já foi exposto, o primeiro passo é colocar o aluno como centro e sujeitos do processo de ensino, para, a partir daí, refletir sobre o papel do professor de geografia viva o que são elementos igualmente fundamentais no contexto de didático trata-se de um processo dinâmico em que todos os elementos são ativos.

Quando se fala em formação do cidadão, não se pensa que a geografia tenha alguma relevância, porém ao levar em consideração que o espaço é seu objeto de estudo, e que o mesmo não se constitui apenas como físico, mas também como cultural, social, devendo ser trabalhado como lugar de vivência considerando a realidade do aluno e o aproximando da mesma, destaca-se a importância de tal área para a formação cidadã.

Por estudar o espaço, local e global, onde os processos sociais se desenvolvem, a geografia tem fundamental importância para contribuir com a perspectiva de como a educação deve assumir a formação do cidadão.

Ao ansiar por um ensino significativo e atraente para os alunos que propicie as bases para o exercício da cidadania, deve-se partir da realidade próxima e das condições sociais de vivência desses mesmos alunos. Isso nos leva a uma categoria de análise e estudo da Geografia que é o Lugar.

O sentimento de pertencimento ao seu lugar exerce influência na construção da cidadania, é necessário que o aluno sinta-se inserido no processo de ensino,

portanto ao partir da realidade dele o professor permite que o mesmo possa está integrado a uma realidade, a um lugar, sendo esta uma base importante para a formação para a cidadania.

Referências

Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental . Campinas: Cad. Cedes, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Brazlândia tantas histórias. Disponível em <http://historiacem01.weebly.com/brazilacircndia-tantas-histoacuterias.html> acesso em 27/06/2015.

CALLAI, H.; CALLAI, J. Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais. Espa- ços da Escola, Ijuí, v. 3, n. 11, p. 9-18, jan./mar. 1994

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). Ensino da Geografia: práticas e contextualização no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000, pág. 83-134.

Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental . Campinas: Cad. Cedes, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

CALLAI. H. C. **Aprendendo a ler o mundo:** a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos. Campinas/SP: Ed. Papirus, 2ª edição, 1998. . Geografia e Práticas de Ensino. Goiania: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos. Campinas/SP: Ed. Papirus, 2ª edição, 1998. Geografia e Práticas de Ensino. Goiania: Alternativa, 2002.. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia. Campinas: Cad.

Cedes, vol. 25, n. 66, maio/ago 2005, p. 185-207. A geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

CHAVES, Weber José Neiva. **Brazlândia, agricultura e identidade: fragarias, da festa do morango e da reisificação triunfante da mercadoria ao simulacro e à venda sem charme dos ambulantes**. 2011. 135p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/9877/1/2011_Web_r_JoseNeivaChaves.pdf>. acesso em: 26 Ago. 2012.

DISTRITO FEDERAL, **Currículo em movimento da educação básica**, Ensino fundamental- Anos iniciais, 2014

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA. Economia e Cia. Disponível em: http://www.brazlandia.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=6796>. Acesso em: 15 Set. 2011.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA. Bandeira de Brazlândia. Disponível em: <http://www.brazlandia.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=6302>. Acesso em: 15 Set. 2011.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Administração Regional de Brazlândia. Sobre a RA IV. Disponível em: <<http://www.brazlandia.df.gov.br/sobre-a-ra-iv/conheca-brazlandia-ra-iv.html>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

LEITE, Cristina Maria Costa Leite & BARBATO, Silviane. Reflexões Sobre a Construção do Conceito de Lugar na Escola Contemporânea. Brasília: Espaço & Geografia, Vol.14, No 2 (2011), 225:255.

LEITE, Cristina Maria Costa . O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental. Tese de

Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

Relatório de Pesquisa – Projeto III: Identidade, Território e Paisagem. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação/Departamento de Métodos e Técnicas, Brasília: 2007.

PASSINI, Elza Yasuko. Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de Geografia. São Paulo: Cortez, 2012

SANTOS, Milton (Org.). Os novos rumos da Geografia Brasileira. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. In: Boletim Gaúcho de Geografia – AGB/ POA. Passo Fundo: Edusp, 1996.

Relatório de Pesquisa – Projeto III: Ensino de Geografia e História. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação/Departamento de Métodos e Técnicas, Brasília: 2014.